

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O QUE QUERO VER ESPECIAL
15 de Dezembro de 2023

BALAMOS / 1982

um filme de Stavros Tornés

Realização: Argumento: Stavros Tornés Montagem: Dimos Theos Som: Manolis Logiadis Direcção Artística: Dimitris Kakoulides Colaboração Artística: Charlotte van Gelder Com: Stavros Tornés, Kyriakos Vilanakis, Eleni Maniati, Mitsos Aggelakopoulos, Entzo Attingenti, Constantinos Pagkalos, Christos Karagougas, Salim Salil, Brairam Ali

Produtor: Stavros Tornés Cópia: 35mm, cor, falado em grego e italiano com legendas em francês e legendado electronicamente em português, 77 minutos Inédito comercialmente em Portugal.

É ele um Pasolini mais pasoliniano do que Pasolini, um Straub menos dogmático, um Murnau do presente?

- Louis Skorecki, em nota obituária de Stavros Tornés publicada no *Libération* em 1988

Ainda há tesouros bem guardados – ou bem escondidos – na cinematografia mundial, e Stavros Tornés é um deles. Os seus filmes praticamente desapareceram de circulação, bem como de discussão, se é que alguma vez entraram realmente na circulação ou na discussão. Há indícios de que sim: a informação de que vários filmes de Tornés (como o desta sessão, **Balamos**) foram notados e defendidos por críticos de cinema gregos, e até premiados em festivais de cinema na Grécia, como o de Salónica, onde **Balamos** se estreou em 1982 saindo com um prémio atribuído pela associação dos críticos de cinema gregos. Por alguma razão, os filmes de Tornés saíram pouco da Grécia (nos anos 60, 70, 80, período da actividade do cineasta, a circulação e a comunicação eram muito menos fluídas do que hoje, o “hype” também funcionava, ou não funcionava, de outra maneira, e nada indica que Tornés tenha tido muito interesse em ser um promotor, um “relações públicas” ou um “publicitário”, da sua própria obra). **Balamos** foi um dos seus poucos filmes a furar esse “confinamento”, sabendo-se que foi visto no festival de Salsomaggiore, em Itália. E foi provavelmente aí que os dois maiores defensores não-gregos de Tornés o viram. Serge Daney e Louis Skorecki, sobretudo o segundo, estiveram entre os muito poucos críticos estrangeiros a chamar a atenção para Tornés, e disso ficou um rasto sobretudo no belíssimo, belíssimo, obituário que Skorecki escreveu para o *Libération* em 1988 (de onde tirámos a epígrafe da “folha”). Um último assomo de interesse por Tornés vem muito também do élan gerado por Daney e Skorecki, através da publicação pela *Trafic* (no número 54, correspondente ao Verão de 2005) de um pequeno “dossier” dedicado a Tornés

Um dos textos desse “dossier”, assinado pelo crítico grego Stavros Kaplanidis, dá-nos algumas pistas biográficas. Tornés nasceu em 1932 em Atenas, num bairro,

subentende-se, não especialmente abonado. Foi estudar cinema em 1957, aos 25 anos, e isso deu-lhe as primeiras oportunidades profissionais, de que as mais espetaculares terão sido as colaborações com Elia Kazan e Michael Cacoyannis, como assistente (especificamente para o “casting” no caso do filme de Kazan), em duas célebres produções internacionais rodadas na Grécia, **America, America** e **Zorba the Greek**. Estreou-se como realizador em 1963, com algumas curtas-metragens, mas em 1967, depois do golpe de estado que levou uma junta militar ao poder na Grécia, exilou-se. Passou brevemente por França, pela Palestina (!), mas foi em Itália que se fixou e onde passou grande parte dos anos 70, trabalhando como actor (sobretudo na televisão mas também em filmes de Rossellini ou dos Taviani), mas também se deu com poetas italianos, publicou poesia, e pintou (a pintura terá sido a sua primeira paixão, antes do cinema). Conheceu em Itália Charlotte van Gelder, que daí em diante seria sua companheira na vida pessoal e na vida artística. Regressou definitivamente à Grécia em 1981 (a “ditadura dos coronéis” extinguiu-se em 1974), retomando também a sua carreira de realizador. **Balamos** foi a primeira longa-metragem depois do regresso, e a segunda, **Karkalou** (1984), voltou a entusiasmar os críticos gregos, que em Salónica lhe deram outra vez o prémio por eles patrocinado. Depois, uma terceira longa menos bem recebida, uma quarta que já nem em Salónica foi aceite; e a doença e a morte prematuras quando preparava um filme inspirado no *Robinson Crusoe* que se chamaria algo como “*O Solitário Caçador do Sul*” (Skorecki, no obituário, diz que Tornés morreu no próprio dia em que o apoio financeiro à produção deste filme foi finalmente desbloqueado, depois de uma espera de anos).

Aqui chegados, já não nos sobra muito tempo nem muito espaço para falar de **Balamos**. Talvez seja melhor assim, porque, acode-nos outra passagem do tal obituário de Skorecki, os filmes de Tornés “são impossíveis de descrever, e é impossível falar sobre eles”. São para ser vistos, portanto. Balamos é para ser visto, num estado de mistério e maravilhamento crescentes – que misteriosa força perfura o profundo realismo daqueles planos dos cafés, dos homens nos cafés, das ruas e dos mercados de uma pequena localidade grega? Que demanda é aquela que conduz Balamos (é o nome do protagonista, interpretado pelo próprio Tornés) numa odisseia por montes e vales à procura de um cavalo? Que ordens de realidade (ou de fantasia, ou de imaginário) são aqueles que se vêm imiscuir no relato tão objectivo e tão lacónico dessa demanda? A frase da epígrafe é absolutamente certa: é um filme fundado em culturas e modos de vida populares (Pasolini, Straub) mas sempre a convocar fantasmas e mitologias (a parte Murnau). É um filme único, para que só nos ocorre outra referência, que estará relativamente viva na memória dos espectadores porque ele esteve cá o ano passado, e falamos de Adolpho Arrieta e das suas miraculosas dobras entre a realidade e os fantasmas que ele esconde e abafa, e que o cinema serve para desocultar.

Luís Miguel Oliveira